



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

Cidade e Fragmentação: Projeto para a Trienal de Arquitetura de Lisboa

PARTE III - Diário de bordo: 17 de março de 2019

Fábio Pires Galego

Orientador: Prof^a. Doutora Rita Ochoa
Co-orientador: Prof. Doutor Jorge Marum

Covilhã, junho de 2019

Índice

Introdução	Erro! Marcador não definido.
Esquematização do percurso realizado	3
Zona I - Bairro das Amendoeiras.....	4
Quadra Central de Chelas.....	6
Zona N1 - Bairro da Flamenga	8
Zona N2 - Bairro dos Loios.....	10
Zona M - Bairro do Armador	12
Zona J - Bairro do Condado	14
Zona L - Bairro das Salgadas e Bairro Prodac	16
Impressões finais	19

Introdução

Situada na zona oriental de Lisboa, Chelas é um território constituído por um conjunto de bairros que pertencem à freguesia de Marvila. Esta área é limitada a norte por uma via rápida de circulação automóvel - Av. Marechal Gomes da Costa-, a sul e a nascente pela linha de caminho de ferro - Linha de Cintura - e a poente pela escarpa que se desenvolve ao longo da Av. Gago Coutinho. É uma das áreas com maior declive de Lisboa - cerca de 48% da superfície tem pendentes superiores a 10%, e cotas que vão desde os 20 aos 110m - e é constituída por uma série de vales que marcam a sua paisagem e têm influência direta no seu planeamento urbano e nas características da sua arquitetura.

No dia 17 de março de 2019 foi realizada uma visita ao local de forma a observar o território diretamente e produzir um registo fotográfico. Esta visita foi efetuada num domingo de tarde, tendo o trajeto variado entre o automóvel e percursos pedonais, tanto pela extensão do trajeto (superior a 10km), como pela insegurança que se poderia sentir em algumas zonas.

Para além do contato com o território com respetiva observação direta do espaço, os objetivos traçados passariam por analisar as diferenças entre os pressupostos colocados pelo Plano de Urbanização de Chelas e o território como se encontra na atualidade, perceber algumas vivências do espaço, observar na primeira pessoa os seus residentes, perceber como possa ser o dia a dia no local e refletir sobre a arquitetura realizada e sobre o seu estado de conservação.

Desta visita ao local resultou o presente relatório, o qual será estruturado segundo as zonas visitadas por ordem cronológica, na tentativa de se perceberem as diferenças e semelhanças entre os vários subterritórios de Chelas.

Esquematisação do percurso realizado

Percurso:

Entrada da estação do metro de Chelas -> Av. Dr. Augusto de Castro -> Limite Bairro das Amendoeiras -> Av. Dr. Augusto de Castro -> Estacionamento da Feira do Relógio -> Quadra Central de Chelas -> Av. Avelino Teixeira da Mota -> Rua Pardal Monteiro -> Conj. Hab. Pantera Cor de Rosa -> Rua Luís Cristino da Silva -> Parque da Bela Vista -> Av. Avelino Teixeira da Mota -> Quadra Central de Chelas -> Av. Francisco Salgado Zenha -> Av. François Mitterrand -> Quadra Central de Chelas -> Rua Salgueiro Maia -> Praça Dr. Fernando Amado -> Av. João Paulo II -> Praça Eduardo Mordlane -> Rua Artur Duarte -> Av. Paulo VI -> Rua Eng. Cunha Leita -> Rua Botelho de Vasconcelos

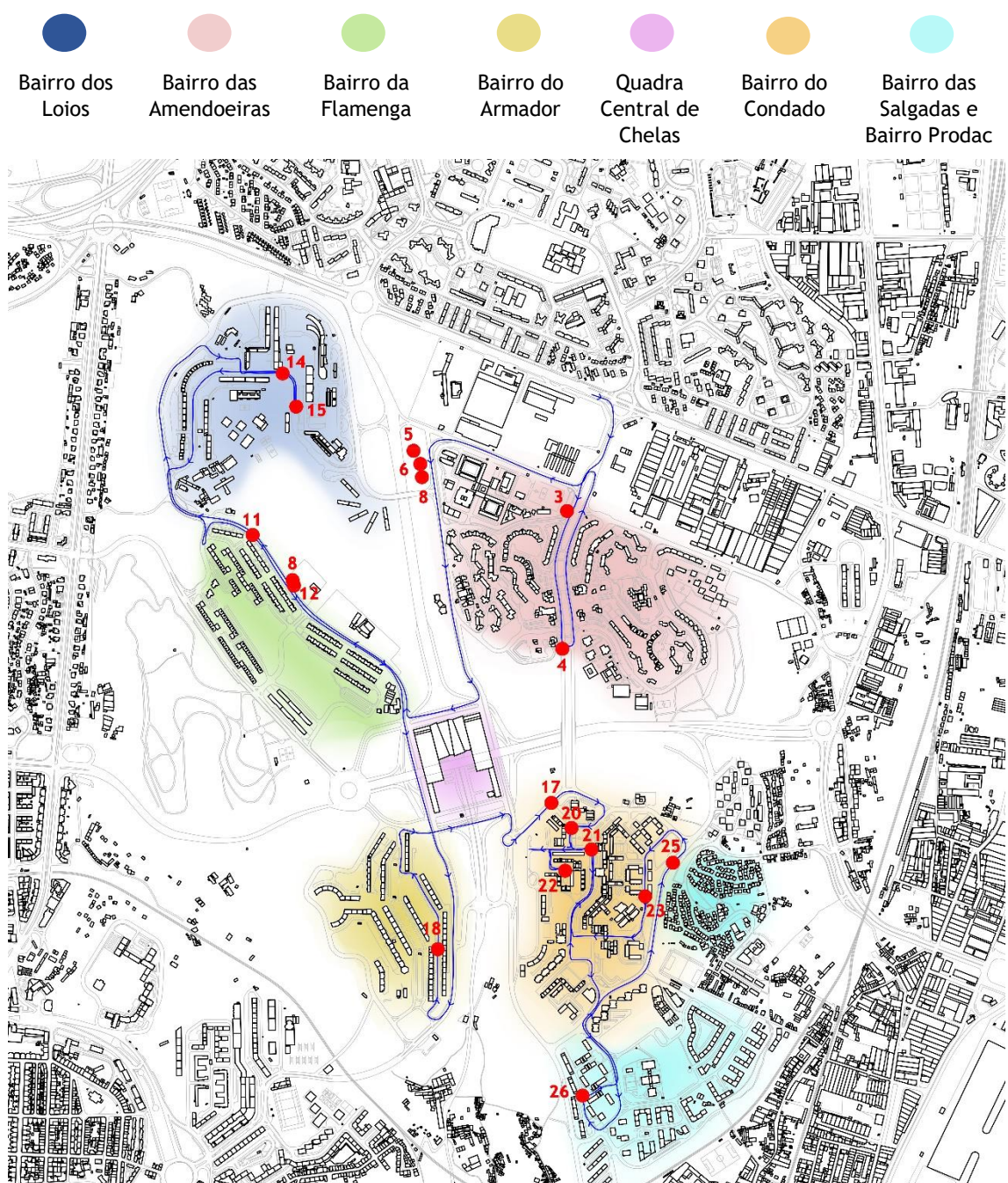


Figura 1 Planta da malha urbana de Chelas com a marcação dos diferentes bairros, o percurso realizado e a localização das fotografias

Zona I - Bairro das Amendoeiras

A visita iniciou-se a norte do Bairro das Amendoeiras - próximo do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa e da zona industrial - Av. Dr. Augusto de Castro, em direção ao Bairro do Condado, a sul. Nesta avenida sobressai um sistema viário que privilegia o automóvel, um espaço verde central e os edifícios que marcam a paisagem em altura, monótona e esteticamente não apelativa. A escala humana parece ter sido desprezada, já que todos os seus elementos adquirem uma escala excessiva, enquanto que os percursos pedonais se limitam a passeios com uma largura não superior a dois metros, suficiente para duas pessoas andarem lado a lado, mas com dificuldades no caso de haver mais pessoas (Fig.2).

No limite do bairro - ligação entre o Bairros das Amendoeiras e o Bairro do Condado - verifica-se a primeira fragmentação do espaço e do edificado, com quase 400m sem qualquer tipo de construção e rodeada por espaços verdes não tratados, o que origina uma travessia insegura para as populações dos dois bairros e que consequentemente as isola (Fig.3). Os percursos pedonais, que são tantas vezes mencionados no PUC, ficam remetidos aos vazios entre edifícios e, na avenida principal, a passeios banais, muitos destes degradados.

A seguinte paragem foi feita a noroeste do bairro, próxima do edifício da RTP e do espaço utilizado pela Feira do Relógio - realizada horas antes -, é constituída essencialmente por espaços verdes sem um propósito claro que rodeiam a Av. Santo Condestável, que são utilizados pela população como percursos pedestres informais (Fig.4). Deste local é possível observar os densos blocos do Bairro dos Loios, o conjunto habitacional 'Cinco Dedos' e, ainda, as recentes torres da Quadra Central de Chelas, a sul (Fig.5).



Figura 2 - Bairro das Amendoeiras



Figura 4 - Avenida Dr. Augusto de Castro



Figura 3 - Vazios urbanos entre os Bairros das Amendoeiras e do Condado



Figura 5 - Espaço verde que rodeia a Av. Santo Contestável e edifícios do Bairro dos Loios



Figura 6 - Edifício 'Cinco Dedos' e Av. Santo Contestável após a realização da Feira do Relógio

Quadra Central de Chelas

Na seguinte deslocação, em direção ao Bairro da Flamenga, foi necessário passar pelo centro da malha urbana de Chelas, designada Quadra de Chelas, sobre a Av. Central de Chelas. Possui uma forma quadrangular com quatro torres nos seus vértices do quadrado. Esta urbanização parece funcionar como uma ‘ilha’ de famílias de maiores rendimentos e que, dada a arquitetura mais contemporânea das torres e a sua posição central e em altura, se encontram numa posição acima do restante território (e da restante população) de Chelas (Fig.7).

Este núcleo central da malha apresenta-se também como espaço de distribuição do sistema viário de Chelas, visto ser, na maior parte das vezes, necessária a sua circulação pela Quadra, sempre que se pretenda deslocar entre bairros.



Figura 7 - Quadra Central de Chelas



Figura 8 - Quadra de Chelas - vista a partir da Feira do Relógio (Zona I)



Figura 9 - Quadra de Chelas - vista a partir da Av. Avelino Teixeira da Mota (Zona N1)

Zona N1 - Bairro da Flamenga

Na antiga Zona N1, na Av. Avelino Teixeira da Mota, o trajeto foi interrompido com o objetivo de observar o vale que separa esta avenida do conjunto habitacional 'Cindo Dedos', desta vez, do lado oposto e que geram um contraste com este vazio urbano. Devido à sua topografia e às características do solo, esta vasta área não foi edificada, remetendo-se a um espaço verde abandonado. É neste vale que se encontra o Parque Urbano do Vale de Chelas, onde a população aproveita de uma forma eficiente toda a sua extensão e as suas encostas através de pequenas hortas urbanas de que a comunidade usufruiu (Fig.11). Do lado oposto ao vale, os edifícios adquirem uma escala mais humana, revelando uma arquitetura discreta, com cores claras e alturas menores, graças às condicionantes impostas que, neste caso, são positivas e criam uma melhor imagem para o bairro (Fig.12).



Figura 10 - Bairro da Flamenga



Figura 11 - Parque Urbano do Vale de Chelas - ao longe os edifícios do Bairro dos Loios



Figura 12 - Edifícios do Bairro da Flamenga (dir.)

Zona N2 - Bairro dos Loios

O percurso pelo Bairro dos Loios realizou-se pela Rua Pardal Monteiro, o limite do bairro - a estrada encontra-se a uma cota superior entre o edificado e a escarpa que se desenvolve ao longo da Av. Gago Coutinho. À medida que circulamos entre os edifícios, um conjunto de edificações de cor rosa destaca-se, não só pela cor, mas também pela sua monumentalidade, configurando o conjunto apelidado de “Pantera Cor de Rosa”. Apesar da alegada reputação que esta zona teria não foi sentida insegurança durante a visita (Fig.14). Envolver este conjunto habitacional encontram-se, a nascente, um núcleo de edifícios em altura aparentemente de forma desordenada e sem atenção à escala humana, enquanto que a poente se encontram edifícios em bloco e paralelos às ruas que os limitam (Fig.15). De ressaltar, ainda, a dimensão exagerada das vias da rua Luís Cristino da Silva e, mais uma vez, o sentimento de pequenez quando se atravessa a via.



Figura 13 - Bairro dos Loios



Figura 14 - Fachada lateral da 'Pantera Cor de Rosa'



Figura 15 - Edifícios que 'envolvem' a 'Pantera Cor de Rosa'

Zona M - Bairro do Armador

O bairro seguinte, o Bairro do Armador, parece ser a zona com as edificações em melhor estado de conservação, o que se traduz numa melhor qualidade do espaço e, conseqüentemente, numa aparente qualidade de vida melhor para a sua população, comparada com os restantes observados (Fig.17). Apesar da altura dos edifícios, a escala humana é tida em conta, sobretudo nos percursos pedonais. A arquitetura não se revela tão massiva e o desenho urbano parece mais coerente (Fig.18). Tal como os outros bairros, é rodeado de espaços verdes com tratamentos diferentes de acordo com a zona, com o Parque da Bela Vista a poente, hortas urbanas a norte e sul, e com espaços que variam entre hortas urbanas e espaços sem definição a nascente.



Figura 16 - Bairro do Armador



Figura 17 - Bairro do Armador - vista a partir do Bairro do Condado



Figura 18 - Edifícios da Av. François Mitterrand

Zona J - Bairro do Condado

O percurso no Bairro do Condado começa na Praça Dr. Fernando Amado e as primeiras impressões são de um sítio calmo, apesar do preconceito que se criou à volta da antiga Zona J, bem patente no filme de Leonel Vieira, “Zona J”. A praça possui um campo de jogos no seu centro, com edifícios a envolvê-la em todas as orientações e com umas condições algo degradadas devido à falta de investimento na sua manutenção, algo que será observado continuamente ao longo de todo o percurso neste bairro (Fig.20). Apesar de possuir uma rede de ruas organizada, o edificado é muito fragmentado, com construções de dimensões contrastantes e com cores fortes que originam uma desqualificação da envolvente (Fig.21).

A Praça Eduardo Mordlane, mais a sul, é muito mais aberta e desafogada que a anterior, com algumas torres, mas sem a densificação antes verificada e onde o parque no centro da mesma também proporciona um melhor ambiente urbano. Neste bairro, tornam-se muito presentes as cores dos edifícios, como na Rua Botelho de Vasconcelos (Fig.22). Na zona nascente do bairro, com edifícios mais recentes, sente-se menos o “ambiente de bairro social” - esta zona dá a impressão de ser para população de rendimentos mais elevados do que a maioria da antiga Zona J, sendo que os edifícios têm um aspeto mais cuidado e apresentam um estado de conservação melhor do que a maior parte do restante edificado (Fig.23).

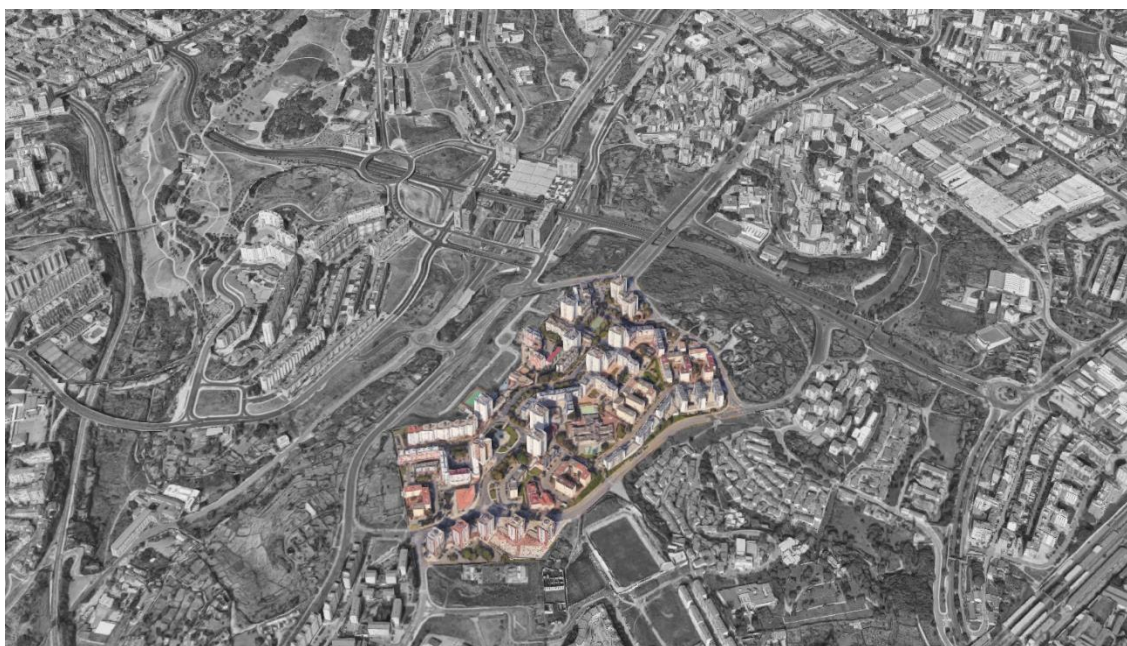


Figura 19 - Bairro do Condado



Figura 20 - Praça Dr. Fernando Amado



Figura 21 - Blocos na Av. João Paulo II



Figura 22 - Edifícios da Rua Botelho de Vasconcelos



Figura 23 - Edifícios recentes da Av. Paulo VI

Zona L - Bairro das Salgadas e Bairro Prodac

Dado que já não pertencem à área do PUC, os dois bairros restantes, Salgadas e Prodac, foram visitados de forma rápida. Este bairro encontra-se na localização do antigo Bairro Chinês que foi renomeado após a sua reconstrução e é constituído por moradias unifamiliares de pequenas dimensões. Devido às suas ruas estreitas e à sua organização orgânica, este local parece um povoamento rural perdido num dos vales de Chelas (Fig.24 e 25). O Bairro das Salgadas por sua vez tem características em comum com o Bairro do Condado, com edifícios de elevadas dimensões que nos “sufocam” algumas zonas e com muitos poucos percursos pedonais (Fig.26).



Figura 24 - Bairro das Salgadas (esq.) e Bairro Prodac (dir.)



Figura 25 - Bairro Prodac - vista a partir da Av. Paulo VI



Figura 26 - Rua Artur Duarte - Bairro das Salgadas

Impressões finais

Após realizar o trajeto por grande parte da área destinada ao Plano de Urbanização de Chelas, pode concluir-se que os objetivos traçados para a visita foram cumpridos, o aluno obteve contacto com o território e com a população, com diferentes ambientes e realidades urbanas, com a arquitetura e o seu estado de conservação e ficou ainda com uma ideia mais clara da morfologia urbana de Chelas.

Começando pelas diferenças entre o PUC e a realidade que veio efetivamente a ser construída, sabia-se previamente que o PUC deu importância à convivência entre a sua população, privilegiando os percursos pedonais e possuindo um complexo sistema viário com o objetivo de facilitar a ligação entre as zonas de Chelas e as periferias. A partir destas ideias, a impressão com que se ficou no território foi que apenas o sistema viário teve sucesso, visto que a travessia foi realizada eficientemente de automóvel. A segregação dos espaços e da população residente devido à sua etnia e condições financeiras terá originado um preconceito em relação ao bairro. Apesar de se ter consciência desse preconceito, a realidade é que a reputação da zona é pior do que o que foi encontrado, pois em nenhum momento o aluno se sentiu inseguro.

Os maiores problemas encontrados relacionam-se com o desenho urbano, mas também com a arquitetura. Nota-se uma relação entre o estado de conservação do edificado e a “fama” dos bairros. Enquanto que nos bairros que se apresentam como mais calmos os edifícios se encontram melhor conservados, nos bairros com pior reputação, como o Bairro do Condado, a aparência da sua arquitetura e dos seus espaços revela-se inferiormente qualificada. Esta condição dos edifícios e respetivos espaços poderá refletir-se na população, já que o sentimento de abandono poderá gerar conflitos por parte destas comunidades a médio prazo, factos que já se verificaram no passado nestas mesmas zonas e criou todo este preconceito de que sofrem atualmente. Já o desenho urbano atual é pouco coerente na maior parte do território, já que isola os bairros pela falta de relações entre o edificado e cria muitas fragmentações visíveis, com vazios urbanos que isolam as populações e criam “aldeias” densamente habitadas no interior de Lisboa, sem ligações facilitadas com exceção ao automóvel. Desde as avenidas de dimensões exageradas aos blocos com número de pisos excessivos, a escala das construções é desproporcional ao que seria ideal, o que provoca um desconforto para quem realiza percursos a pé.

Para concluir, a ideia com que se fica desta visita é que esta zona deveria ser muito mais cuidada e apoiada do que está a ser. Chelas sofre do preconceito criado de ser um bairro social problemático e perigoso, que teve origem no sentimento de abandono que parte da população sentiu há poucas décadas e que originou um *gueto*, tendo repercussões até aos dias de hoje. Atualmente, com vista a reverter esta situação, várias organizações têm trabalhado em melhorias, incentivos e eventos, tais como o Concurso da Trienal de Arquitetura, que colocam

como objetivo alterar esse preconceito que a maior parte da população da cidade e do país parece ter em relação a Chelas.